

BRINCADEIRAS DE UM PROFESSOR INESQUECÍVEL

Na década de 70 o Balão Vermelho teve um recreacionista e professor de teatro muito especial, o Luiz Carlos Garrocho. Cerca de trinta anos depois, ainda há ex-alunos, professores e funcionários que se recordam com carinho de suas atividades na escola. Em entrevista exclusiva ao JB, ele relembra os tempos em que brincava com a meninada em um quintal de terra, em um pé de jabuticaba e num outro de goiaba. Garrocho também faz uma profunda reflexão sobre as questões do brincar na formação das crianças.

Está imperdível!

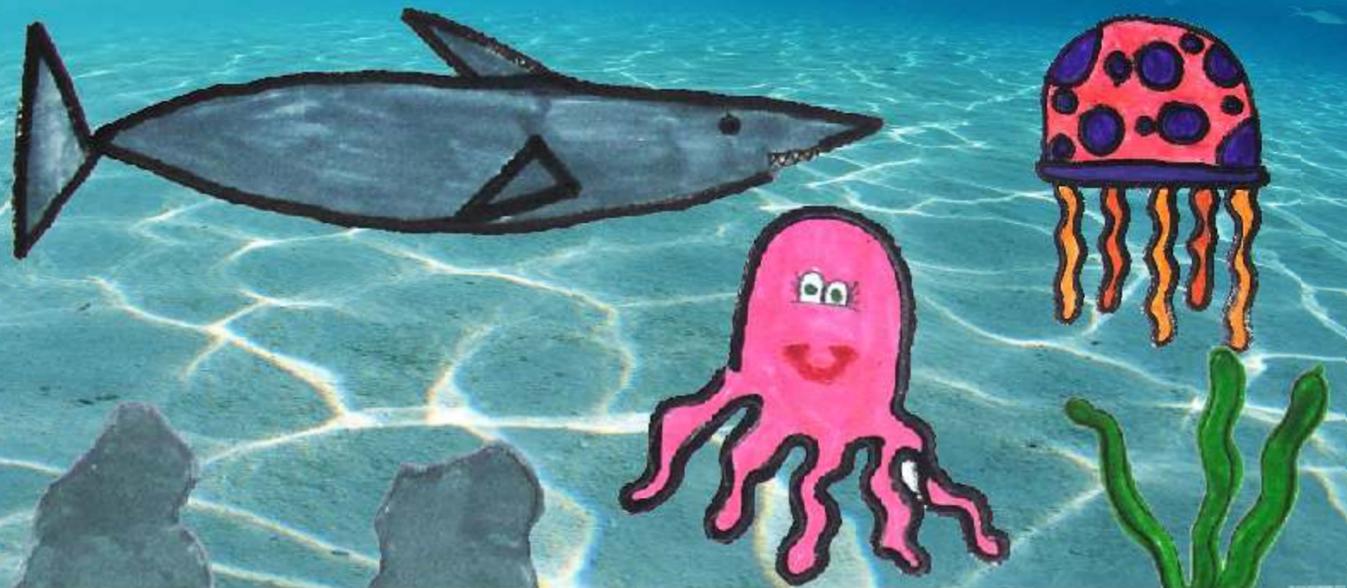
Páginas 08 e 09



DEBAIXO D'ÁGUA

Alunos do primeiro ano dão um "mergulho" no fundo do mar e descobrem as maravilhas da vida marinha.

Página 06



EGITO: DE VOLTA AO PASSADO

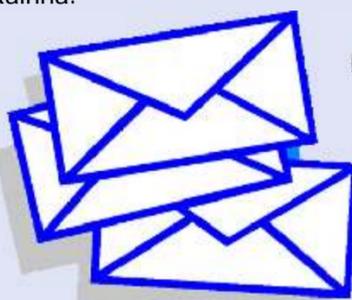


Meninada estuda sobre o Egito antigo e descobre sobre a cultura daquela época.

Página 04

DULCE AGUIAR: DIRETAMENTE DE LONDRES

Aluna do 5º ano vira correspondente internacional do JB e descreve seu cotidiano e aprendizado na terra da Rainha.

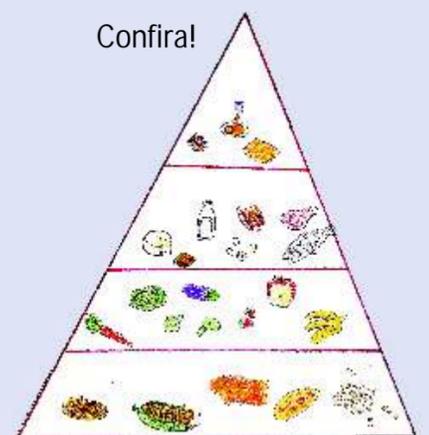


Página 03

LANCHE PRA LÁ DE ESPECIAL

O lanche na escola pode ser ao mesmo tempo saudável e gostoso. É o que os alunos do segundo ano descobriram...

Página 12



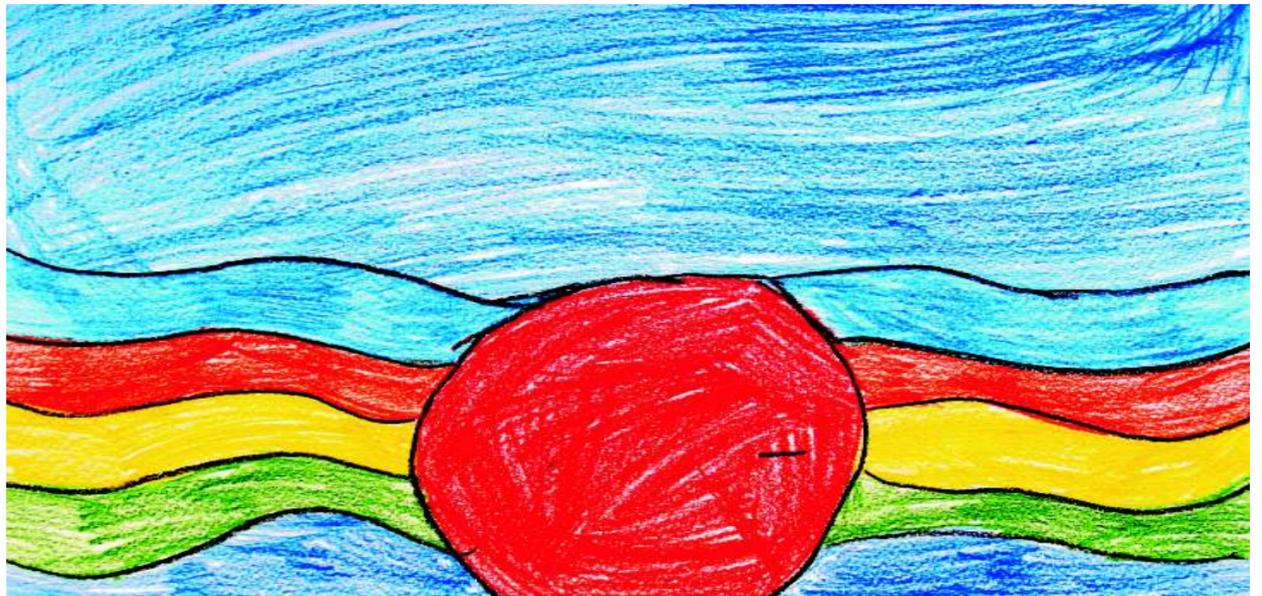
ENTRE IDAS E VINDAS, MAIS UM BONITO DESAFIO !!!

O enrolar e desenrolar da vida é sempre repleto de mistérios e magias. Isso logo de cara entendi, em uma infância permeada por fantasia, fadas e gostosuras. Foi em uma casa deliciosa na rua da Bahia que minha história com o Balão Vermelho começou. De lá tenho lembranças vagas como pequenos passos de dança com coleguinhas no quintal, nomes franceses para cada posição, brincadeira de pêra, uva, maçã e salada mista, a ausência de alguns dias por conta de uma febre e um retorno que me fazia encher as duas mãos a contar o tempo da minha falta, tempo que era longo e espichado e que com meu crescer se tornou rápido e rasteiro.

No Balão Vermelho aprendi as primeiras palavras da escrita. Aprendi a soletrá-las com a boca cheia e o peito repleto de orgulho por ser aquele tempo uma menina de novos saberes. Da casa para um lugar maior nos mudamos. Agora me via cercada de escadas e novidades. Lembro que adorei a mudança para o novo espaço no bairro Mangabeiras.

Além das doçuras da minha infância o Balão me traz lembranças de leituras, do gosto pelo ler, dos encontros na turma para debater o livro que havíamos pegado na biblioteca, as aulas de teatro com o Garrocho e minha dificuldade com a matemática.

Tempo vai, tempo vem, retornei ao Balão Vermelho. Lá se tinham ido bons 16 anos. O pátio, antes enorme, era agora pequeno, mas as cores do caracol e da amarelinha pintados no chão permaneciam as mesmas. Entrei novamente no local da



Luísa Castro - 10anos

minha infância e das minhas primeiras descobertas para ensinar um pouco, ajudar um tanto. Fiquei como monitora e como Editora Chefe do Jornal do Balão. O mundo das letras de fato me cativou, e me formei em Jornalismo, logo, voltei para contribuir com o jornal. Aos 26 anos de idade muito já havia feito e já era atriz e jornalista. Resolvi minha questão com a matemática e me deleitei com o mundo das palavras e da literatura. Ao voltar, dessa vez para trabalhar, me senti em casa, andando pelos corredores da minha infância onde os cheiros permaneceram os mesmos. Foi quando, por uma surpresa, me despedi novamente da escola, dessa vez para ir morar em Londres. Um diretor de uma escola de teatro bem conceituada veio até Belo Horizonte e tendo contato com meu trabalho me convidou para estudar em sua escola, dando-me uma bolsa

integral de estudos.

Foi então que o futuro novamente virou uma página em branco, mas sabe com que cores foi ser pintada quatro anos mais tarde? Com as mesmas dos corredores da minha infância. Após dar a luz a uma linda menina, Manuela, já em meio às montanhas de Belo Horizonte, recebo uma ligação, um convite para ver novamente os meninos do Balão Vermelho, que agora não são apenas crianças, mas crianças e adolescentes. Em um desafio bonito e caprichado o Balão Vermelho já formou duas turmas para o Ensino Médio, e em breve será a vez da terceira. Ampliando suas capacidades e esticando sua educação tão bonita que prima pela unicidade, espontaneidade e desenvolvimento de um intelecto diferenciado. Quem forma aqui guarda os segredos da magia doce da infância, mas também sabe falar o que pensa do mundo, e ser sim mais um nesse planeta. Voltei para dar aulas de teatro para essas pequenas sementes transformadoras, e assim transformar-me um tiquinho mais.

O enrolar e desenrolar da vida guarda surpresas. E que bom que não é preciso esperar por elas. Agora, mãos à obra! Porque a missão é vermos, eu e os meninos, os movimentos delicados da vida, abrirmos nossa janela da alma para o mundo e fazê-lo poesia e diversão no palco. Viva o teatro e sua transposição dessa vida enrolada e misteriosa. E desses encontros e reencontros recomeçamos agora um novo saber.

Julietta Dobbin
Jornalista e Professora de Teatro

BALÃO, MINHA ESCOLA DA VIDA



Marina Trajano - 10anos

Um novo ano, uma nova escola. Essa é minha situação. Saí de uma escola onde estudei por oito anos e agora estou em outra totalmente diferente. Tenho seis horários todos os dias, três provas todas as terças-feiras, aulas à tarde toda quarta e novos colegas. É bem difícil acostumar no início, já que minha turma era quase a mesma desde a 2ª série, mas já fiz amigos. Estou gostando bastante do Marista, mesmo sendo uma escola totalmente diferente. Ainda sinto um pouco de falta do Balão e das pessoas com quem interagi durante muito tempo. Nunca me esquecerei delas, mesmo que não entre mais na minha sala e encontre meus antigos colegas, sempre me lembrarei dos anos maravilhosos que passei nesse colégio.

Alice Faria, 15 anos



Expediente:
Escola Balão Vermelho
Av. Bandeirantes, 800 - Mangabeiras
balaov@balaovermelho.com.br
www.balaovermelho.com.br
Tel.: (31) 3194.2400

Coordenação do Jornal
Iêda Maria Luz Brito

Direção Pedagógica:
Iêda Maria Luz Brito
Maria Elena Latalisa de Sá
Maria Elisabete Lobato

Diagramação e Setor Gráfico :

Editora Chefe:
Fernanda Pimenta

Professoras responsáveis:
Cláudia Siqueira e Rosvita Kolb.

Edição:

Tiragem:

Agradecimentos:

Alunos: Ana Paula Moita, Ana Vitória Ribeiro, André Victor, Anita Carrieri, Beatriz Chaimowicz, Bruno Dorfman, Camila Albriquer, Carolina Espí, Clara Freitas, Davi Nilo, Dulce Aguiar, Eduardo Barreto, Eric Fenzi, Francisco Ameno, Hugo de Araújo, Gabriel Lemos, Guilherme de Sá, Isadora Drubscky, Júlia Chaib, Júlia Felício, Laura Falci, Laura Latalisa, Lucas Ângelo, Lucas Santiago, Luigi Bafile, Luísa Toledo, Luiza Amaral, Luiza Avelar, Maria Rodrigues, Mariana Canedo, Marina Trajano, Marum Patrus, Matheus Jayme, Nina Ferreira, Pedro Antonio, Tereza Guimarães, Theresa Queiroz, Thiago Dantas, Thiago Nunes, Salim Bou Issa, Sofia Cunha.



Selo - Daniel Bastos

**Remetente: Dulce Aguiar
Correspondente Mirim do JB**

**Destinatário: Leitores do JB
Escola Balão Vermelho**

Londres, 28 de maio de 2011

Olá pessoal do Balão,

Estou com saudades... Como estão vocês? Por aqui, está ótimo. Estudamos de 09h15m às 16h15m todos os dias. Na escola tem alunos de diversos países: Brasil, Arábia Saudita, Angola, Rússia, Ucrânia, Japão, Sudão e Tailândia. Mas toda semana chegam novos alunos e outros vão embora. Em junho começa a escola de verão e chega gente do mundo inteiro. É muito legal porque podemos entender a diversidade cultural do planeta. Não aprendemos só inglês, ao conversarmos com os colegas, acabamos aprendendo e ensinando diferentes línguas e maneiras de viver. Toda quarta temos um programa chamado Discovery London e a cada semana conhecemos um pouco de Londres através da escola. Fazemos passeios de metrô. É tudo muito organizado e quando saímos com a turma, cada aluno coloca uma pulseira com o nome e o telefone da escola. Estive em uma galeria de Arte chamada National Gallery, é maravilhosa... Então, resolvi escrever sobre ela. Li um livro que conta sua história para conhecer melhor o assunto e escrevi uma reportagem para vocês lembrando das aulas do Balão. Espero que gostem da matéria e não deixem de visitar o site.

BALÃO PELO MUNDO

A National Gallery foi criada em 1824 para todos, com o objetivo de proporcionar às pessoas as melhores pinturas da Europa. Não haveria custo de ingresso e era permitida a entrada de crianças para que as famílias também pudessem visitá-la.

Os fundadores estavam interessados em que a Grã-Bretanha tivesse uma coleção de nível mundial. Paris tinha o Louvre, Madrid tinha o Prado e faltava o equivalente em Londres.

Em 1824 as primeiras 93 obras foram exibidas pela primeira vez em Pall Mall. Em 1831 a coleção aumentou e o Parlamento autorizou a construção de um novo edifício para esta finalidade em Trafalgar Square. Em 1838, a National Gallery é inaugurada pela Rainha Vitória. O primeiro quadro oficial foi A Ressurreição, de Lázaro de Sebastiano Del Piombo.

Os fundadores da galeria acreditavam que as grandes pinturas do passado iriam inspirar os jovens artistas. A galeria dividiu suas obras em quatro épocas 1250 - 1500, 1500 - 1600, 1600 - 1700, 1700 - 1900. Além disso, existem mostras temáticas com obras atuais. Atualmente, a National Gallery é aproximadamente do tamanho de seis campos de futebol, possui um acervo com 2300 obras. Ela tem 500 funcionários que cuidam da coleção e ajudam o público. Em média 4500.000 pessoas visitam a galeria todos os anos.

Entre os quadros mais famosos estão; Os Gírrassóis de Van Gogh, O Barco a Remos de Renoir, Banhistas em La Grenouillere de Monet, O Cartoon de Leonardo da Vinci e muitos, muitos outros... Eu fiquei encantada com o que vi e gostaria de compartilhar com vocês esta experiência.

Para conhecer um pouco mais sobre a Galeria tem esse

site disponível: www.nationalgallery.org.uk.

Visitem as obras e conheçam a história de cada uma!

Um grande abraço a todos vocês.

Dulce Aguiar.

Repórter Mirim- Correspondente Internacional do JB.



EGITO ANTIGO

A turma da professora Bárbara Coura, de crianças de 5 e 6 anos, estuda sobre o Egito Antigo. Ela conta que o grupo iniciou o estudo no ano passado e se interessaram tanto pelo assunto que decidiram continuar neste ano.

Para começar, fizeram uma roda com a professora de 2010 para retomar as questões levantadas no início do estudo. Bárbara explica que as crianças fazem várias descobertas consultando o material trazido de casa. Uma das descobertas tem a ver com o contraste da cultura egípcia antiga com a atual e a escrita hieroglífica.

A professora contou também que além desta investigação, a meninada começou a fazer trabalhos de arte apreciando monumentos e imagens do Egito, como escaravinhos de argila, mosaico, quadros do Rio de Nilo e pinturas feitas no



João Camilo - 5 anos

próprio corpo como os nobres egípcios.

As crianças fizeram uma exposição dessas pinturas para apresentar aos pais e para a turma do segundo ano, da professora Renata Gontijo.

Luigi Bafile e Thiago Dantas
5º ano.



Maria Moretzsohn - 5 anos

BORBOLETAS E MARIPOSAS

A professora de crianças de 02 e 03 anos, Sarah Cozzi, contou que apareceu uma mariposa na sua sala de aula e algumas crianças disseram que o bichinho era uma borboleta e outras que era uma bruxa.

A professora conta que a partir dessa dúvida surgiu o projeto, e eles passaram a pesquisar sobre esses insetos em um livro e na internet. Assim, descobriram que, o que apareceu na sala realmente era uma mariposa. Sarah explica que descobriram muitas imagens, entre elas, algumas mariposas gigantes.

Sarah relata também que a meninada começou a juntar materiais para construir mariposas gigantes. "Aproveitamos papel de raio X para fazermos asas de borboletas gigantes e usamos rolos de papel alumínio e de papel toalha para fazer o corpo das mariposas", explica a professora.

Luigi Bafile e Thiago Dantas
5º ano.



Catharina Fenelon - 5 anos



Beatriz Pereira - 5 anos

BRINQUEDOS ECOLÓGICOS

A turma do Infantil I, da professora Cláudia Rocha, de crianças de um e dois anos cria peças de móveis de casa com sucatas e brinquedos. Os objetos utilizados são latas, caixas, garrafas pet, madeiras e papelões e a turma monta mesa, chuveiro, fogão, entre outros.

Estes objetos serão utilizados nas brincadeiras de Casinha.

Claudia declarou que as crianças também fazem pinturas, desenhos, colagens, brincam nos pátios e de faz de conta.

Pedro Medeiros, Matheus Jayme
e Thiago Nunes - 5º ano.

NOVAS BRINCADEIRAS



Arthur Seabra - 5 anos

Neste ano, a professora Nicole Peixoto, do Maternal I, do turno da manhã, ensina para a turma brincadeiras que os pequenos ainda não conhecem. Entre elas estão; *Sai ô Piaba*, *Atirei o Pau no Gato* e *Esconde-Esconde*.

Eles também aprendem a se dividir em grupos e a esperar a vez de cada um.

A professora conta ainda que a meninada também aprende como se deve lanchar na escola e principalmente a se acostumar a ficar a manhã inteira longe dos pais. De acordo com Nicole este é um aprendizado importante para os pequenos, mas logo eles entendem que a professora e sua auxiliar os ajudarão no dia a dia no processo de adaptação.

Francisco Ameno, Lucas Ângelo e Luísa Toledo.
5º ano.

CRIANÇAS SE DIVERTEM APRENDENDO

A turma da Ana Paula Rodrigues, de alunos de 4 e 5 anos, do turno da manhã, se diverte de vários modos; inventando brincadeiras, contando e conhecendo histórias, fazendo arte e brincadeiras com sucata. Eles já criaram muitas maneiras diferentes de brincar de pega-pega. Cada aluno inventou um modo, e eles variam as brincadeiras.

Eles também desenvolvem um projeto em que usam sucata para fazer brinquedos como boliche, carrinho de boneca, vai e vem, cinco Marias e muito mais. A meninada faz o projeto com a ajuda de Cida Santos, artesã e auxiliar de almoxarifado da escola.

A professora conta que a turma adora ouvir histórias de terror, mas eles ficam com um pouco de medo. Ana Paula revela que os alunos também gostam muito de cantar enquanto andam pelo Balão, e cantam diversas cantigas

Daniel de Araújo - 5 anos



como: *Borboletinha, Acasa, Alecrim*, entre outras.

Para os Jogos Internos as crianças treinaram para participar do jogo da pipoca, arremesso de saquinho de areia, trilha, entre outros. E a professora tem ensinado a turma a pular corda.

Camila Albricker, Isadora Drubsky,
Luísa Amaral, Mariana Canedo e
Nina Ferreira.
6º ano.

MENINADA PLANTA FEIJÃO

No início deste ano a turma da professora Mariângela Stanislau, de crianças de 2 anos, começou a experimentar diferentes ideias, misturas, lugares e possibilidades de pintar e desenhar.

A aluna Carolina Lanna, de 2 anos, conta que gosta de mergulhar a mão na bacia e pintar com ela.

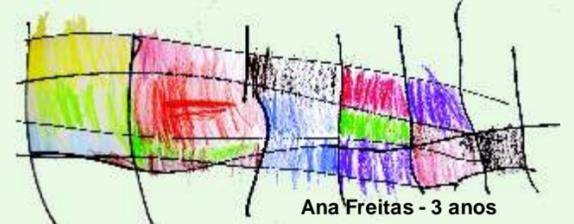
A turma também construiu brinquedos para novas brincadeiras. Eles embolaram folhas de jornal e revista velha para fazerem as bolinhas e também uma bola grande para brincar de Corre-Cutia, que é a brincadeira favorita das crianças.

Também transformaram caixas de papelão em carrinhos de carregar bonecas e caixas de fósforos para a brincadeira de *Escravos de Jó*.

Mariângela contou que a turma cuida e observa o crescimento de feijões que plantaram com o seu João Mourão, auxiliar de serviços gerais. A meninada pretende comer o feijão plantado.

Eduardo Barreto, Hugo de Araújo
e Júlia Chaib - 5º ano.

FUTUROS ARTISTAS



Ana Freitas - 3 anos

Desenho feito após apreciação das obras do artista plástico Ricardo Teixeira

A meninada de três anos da turma da Tucha, do turno da manhã, trabalha com novos projetos.

Um deles foi nomeado "Jeitos diferentes de fazer arte", As crianças experimentam trabalhar e a explorar diferentes suportes e materiais.

A professora relata que a turma se envolve muito fazendo este trabalho, é o que conta a aluna Ana Freitas, de 3 anos. "A gente gosta de fazer pinturas, e usamos cola para grudar as artes", fala. André Deoti de 3 anos fala das preferências. "Gosto de pintar carros e relâmpagos com pincel", conta o aluno.

Para a realização deste trabalho, Tucha conta que gosta de mostrar aos alunos obras de diferentes pintores e artistas como Miró, Paul Klee, entre outros, para que assim eles possam apreciá-las.

As aulas de arte acontecem no Ateliê e são programadas para dois dias da semana. A intenção é que o projeto dure até o final do ano.

Beatriz Chaimowicz, Clara Freitas,
Luíza Avelar e Sofia Cunha
6º ano.

MACACOS INVADEM O BALÃO

A turma da professora Renata Vidal, do segundo período, começou uma pesquisa sobre macacos. O projeto teve início quando a professora mostrou, no início do ano, a caixa de memória de 2010 e um aluno perguntou se haveria projetos durante o ano.

A professora explicou que sim, e as crianças sugeriram então um estudo sobre os macacos. E foi aí que começaram as descobertas das espécies; Mico, Macaco-Aranha, Macaco - Parauacu, Gorila, Orangotango, Chimpanzé, Babuíno, Gibão, Macaco-Narigudo, Macaco-Bugio, Mandril, Macaco-Barrigudo e Macaco de Cheiro.

A aluna Beatriz Pereira, de 5 anos, contou suas descobertas durante o projeto. "Entendi que alguns cientistas acreditam que os homens vieram dos macacos, e alguns não acreditam nesta ideia, que a maior diferença dos homens com os macacos é a inteligência", fala a aluna.

Já o aluno Artur Marques, de 5 anos, explicou que "O

Macaco Aranha se pendura pelo rabo para beber água" e o aluno Lucas Chiari, também de 5 anos, diz que o Macaco Bugio se comunica com gritos que podem ser ouvidos a quilômetros de distância", fala.

Anita Carrieri, Dulce Aguiar,
Júlia Felício e Maria Rodrigues.
5º ano.



Fernanda Campos - 5 anos

MERGULHO PELO FUNDO DO MAR

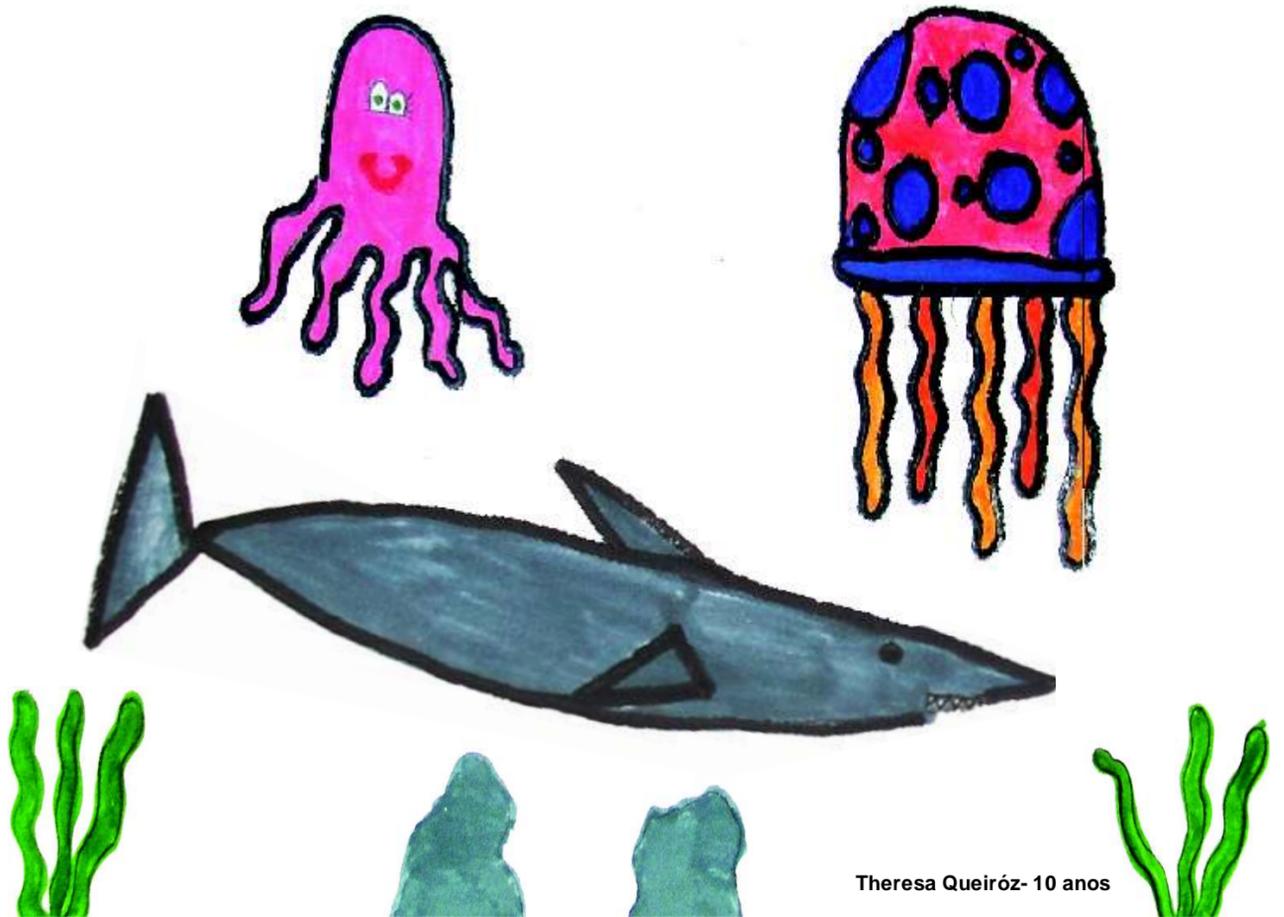
A turma do 1º ano, da professora Regiane Sales, pesquisa sobre o fundo do mar.

As crianças contam que aprenderam sobre anêmonas e estudam sobre baleias e golfinhos. "Gostamos de aprender sobre bichos grandes e tartarugas marinhas", diz Elisa Brasil, de 6 anos.

As crianças já fazem novas descobertas com o projeto. "Descobri que a anêmona é um animal marinho e estou gostando de estudar sobre o fundo do mar", afirma Laura Alkmim de 6 anos.

O pai da aluna Beatriz Toledo e o pai do aluno Theo Machado fizeram uma visita à turma da Regiane e contaram como é a experiência de conhecer o fundo do mar, pois já praticaram o mergulho.

Guilherme de Sá; Marina Trajano e
Theresa Queiroz.
5º ano



Theresa Queiróz- 10 anos

VIAGEM AO ANTIGO EGITO

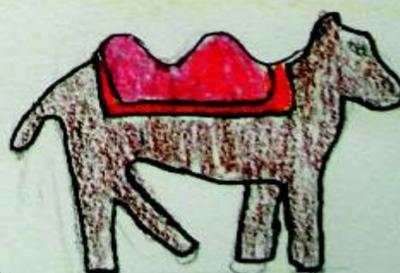
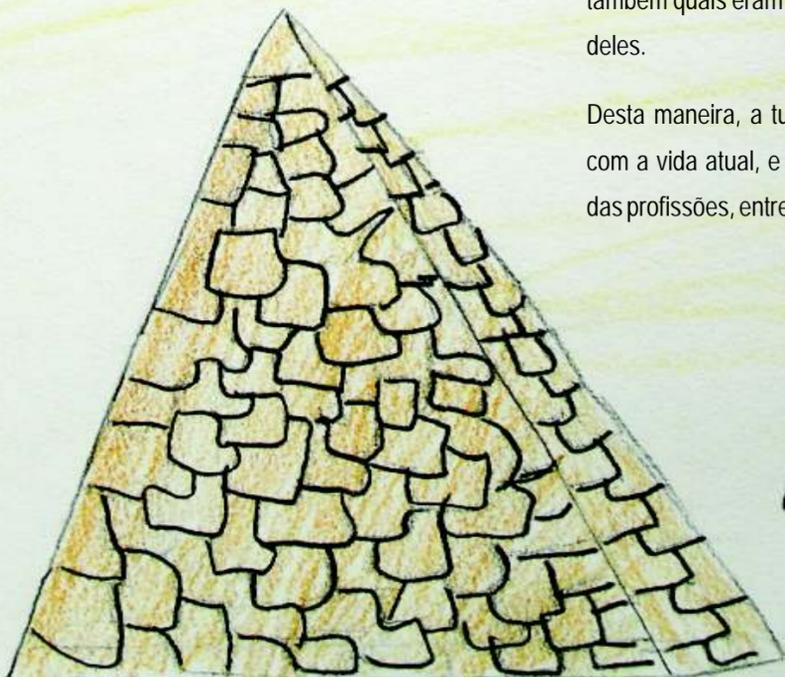
A turma do segundo ano desenvolve o projeto Egito Antigo. Eles pesquisam como era a vida antigamente no local e procuraram onde está o Egito no mapa Mundi.

A professora Renata Gontijo conta que a turma traz material de casa, pesquisa na escola e até aprendeu a escrever seus nomes em hieróglifos, o alfabeto egípcio.

As crianças também estudam sobre o rio Nilo e como era a vida das crianças naquela época; do que brincavam, se elas iam à escola, se usavam roupas semelhantes às nossas e também quais eram as profissões dos adultos e as roupas deles.

Desta maneira, a turma compara a vida do antigo Egito com a vida atual, e descobre as diferenças das roupas, das profissões, entre outras.

Luigi Bafile e Thiago Dantas
5º ano.



Maria Drummond - 10 anos

DIA DA CURIOSIDADE

Daniela, professora do 2º ano, conta que a turma tem o *Dia da curiosidade*. Nesse dia, os alunos estudam, em casa, algo novo e que tenha interesse, depois contam para a turma.

Durante o projeto, os alunos têm um para casa extra para estudar sobre um bicho e contar para a turma o que aprendeu, é o que conta Joana El Curi, de 7 anos.

Beatriz Rossi, também de 7 anos, contou que os grupos podem trazer fotos, vídeos de seus animais pesquisados e que o projeto não pode ser individual. "O legal é que nem todos da turma são obrigados a fazer o projeto, mas todos querem participar e compartilhar as suas ideias", explica a professora.

Davi Nilo, Gabriel Lemos e
Marum Patrus.
5º ano.

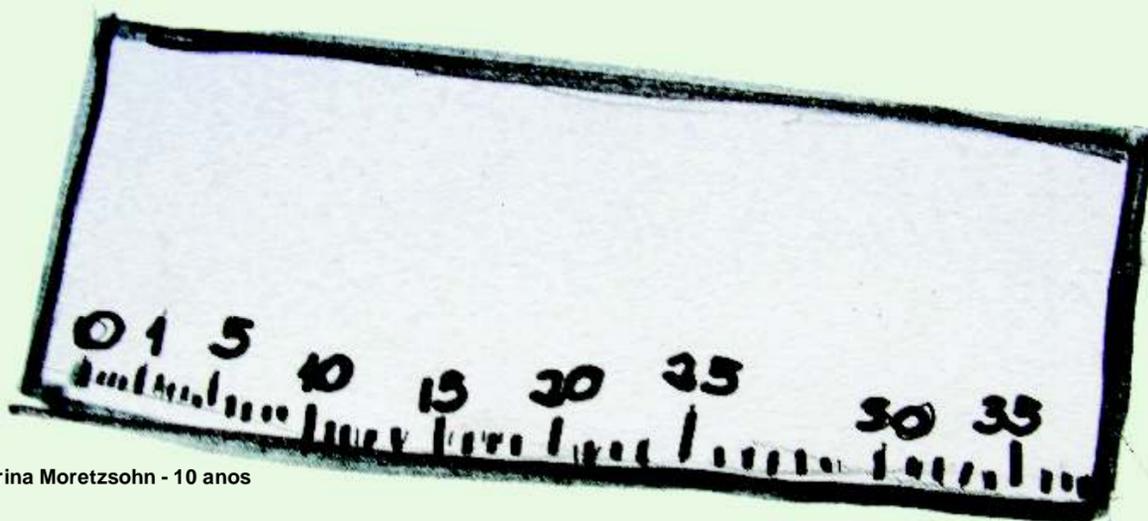
PROJETO MEDIDAS

A turma do Olavo Malta, 3º ano, desenvolve um projeto de medidas para aprimorar a matemática. Os alunos mediram a sala com as mãos e em seguida fizeram um desenho da sala de aula.

Olavo conta que a proposta é desenvolver a planta de uma casa que gostariam de morar. "Eles fizeram os cálculos de quanto iriam gastar com os tijolos, cimento, e por último quanto gastariam com o acabamento interno", explica o professor.

Alguns pais que são arquitetos virão à Escola para debater sobre o tema.

De acordo com Gabriel Moita, de 8 anos, o projeto surgiu quando Olavo levou para sala uma fita métrica e os alunos perguntaram o que significava o nome



Marina Moretzsohn - 10 anos

daquela loja que estava escrito em inglês. O Olavo explicou que era de uma loja que vendia material de construção e eles se interessaram pelo assunto. "Um dia, Olavo propôs para a turma começar um projeto que trabalhasse com essas ideias de arquitetura e

engenharia. Demos o nome *Projeto de medidas*", explica o aluno.

Ana Paula Moita, Laura Latalisa,
Lucas Santiago - 5ºano.

COBRAS E RECICLAGEM



Eric Fenzi - 10 anos

A professora Juliana Leite, do primeiro ano da tarde, desenvolve um projeto sobre cobras.

Ela contou que o tema foi escolhido pela turma através de uma votação feita em sala de aula. A partir daí, eles fizeram perguntas por escrito sobre o que queriam descobrir sobre o tema.

Ela acrescenta que quase todas as perguntas já foram

respondidas e um dos alunos até levou uma cobra morta para a turma analisar.

Outro projeto que a professora propôs aos alunos foi o de fazerem brinquedos com material reciclável. A auxiliar de almoxarifado do Balão e artesã, Cida Santos, ajudou as crianças e ensinou como fazer um jogo de boliche com cones, que sobram das aulas de artes, e com meias velhas.

Ana Vitória Ribeiro, Laura Falci e
Tereza Guimarães
5º ano.

Laura Coelho e
Anita Carrieri - 10 anos



VOCÊ SABE PESQUISAR?

Virgínia Peret, professora do terceiro ano, conta que trouxe para a sala de aula um texto da revista *Ciência Hoje das Crianças* com o título *Você sabe pesquisar?* A partir daí os alunos perceberam que pesquisar não é uma coisa para ser feita de qualquer jeito.

Após a leitura desse texto, toda quarta-feira, duas crianças trazem curiosidades sobre determinado tema que pesquisaram em casa, escolhidos por elas, e apresentam para a turma.

Outro projeto que as crianças desenvolvem é um estudo sobre o mapa do Brasil e o mapa Mundi. A professora explica que toda semana a turma faz um jogo onde cada grupo tem que descobrir as capitais, ilhas, desertos do mundo e vários outros conteúdos do mapa.

As crianças contam que gostam dos projetos porque assim aprendem a usar o mapa e a pesquisar na internet. É o que conta Mariah Bafile, de 07 anos. "Aprendemos a pesquisar no Google, na Wikipédia e em outros sites deste tipo. E com os Jogos de mapas, aprendemos mais sobre o Brasil e o resto do mundo. Eu também acho interessante aprender sobre os continentes e os locais onde eles estão no mapa", fala a aluna.

Luigi Bafile e Thiago Dantas
5º ano.

Luiz Carlos Garrocho foi recreacionista e professor de arte da Escola Balão Vermelho na década de 70. É formado em filosofia pela UFMG. Mestre em Artes Cênicas, na Escola de Belas Artes. Hoje prepara-se para o doutorado. Foi gestor cultural, desenvolveu uma série de programas e projetos, nos Teatros Municipais e o Centro de Cultura Belo Horizonte. Inaugurou o Curso Livre de Teatro para crianças e adolescentes no Cefar (Centro de Formação Artística da Fundação Clóvis Salgado- Palácio das Artes), onde foi também professor.

Atualmente edita três blogs: Cultura do Brincar, Duração & Diferença e Olho-de-Corvo. No primeiro, lida com as questões da infância, da memória, da educação e da arte. No segundo, uma conexão entre pensamento e criação cênica e corporal. No terceiro, que chama de seu blog-trincheira: militância cultural e política e filosofia.

Em entrevista ao JB, ele discute as questões da infância e de sua experiência como educador e recreacionista que adquiriu no quintal do Balão Vermelho, nos anos 70.

Jornal do Balão: Você iniciou no Balão na década de 70, por quanto tempo trabalhou aqui? Conte um pouco sobre este trabalho.

Luiz Carlos Garrocho: Cheguei ao Balão Vermelho para ser uma referência masculina nas atividades ao ar livre. Não deveria haver separação entre trabalho e lazer, entre pesquisa e lúdico etc. Então, o momento do pátio era também atividade. E o lúdico era encarado como sendo o trabalho da criança: o modo como ela opera no mundo, elabora suas vivências, busca conhecimento.

Como eram sempre professoras que trabalhavam com crianças pequenas, o Balão entendia que era importante haver uma referência masculina. Fui contratado, então, como recreacionista.

JB: No ano passado criamos uma nova Seção no Jornal do Balão, o Espaço do Ex-aluno, e dos vários depoimentos que recebemos, todos citam você como um dos professores de que mais gostavam. Falam de suas aulas de teatro e brincadeiras. Conte um pouco como foi essa sua experiência no Balão Vermelho como recreacionista em um quintal de areia, terra, um pé de goiaba e um pé de jabuticaba.

LCG: Para mim foi uma iniciação e, também, uma reconfiguração total da existência. Era muito jovem. E minha reação primeira foi de medo. Eu não trazia algo pronto. Na época, eu me iniciava no teatro, mas o que o teatro teria a ver com um quintal, no qual as crianças brincavam livremente, sem dirigismo? Estava ali, naquele quintal maravilhoso, com um bando de crianças. E então eu me permiti adentrar naquele medo e conhecer a infância, sem impor, sem dizer como deveríamos brincar.

E era mesmo um desafio. Imagine que você chega num lugar onde as crianças já estão envolvidas numa exploração sensível do mundo, fazendo suas coisas, realizando suas descobertas. O que você vai fazer?

Ficar olhando? Vigiando apenas, como fazem muitas pessoas ainda hoje? Ou vai mudar tudo e dizer como se deve brincar?

O espaço era um verdadeiro quintal. Sim, havia um pé de goiaba, um tanque de areia, terra e grama, um pé de jabuticaba, uma mesa enorme ao fundo, um grande pneu de trator deitado, pequenos pneus sobrando aqui e ali. Tinha escorregador e uma daquelas estruturas metálicas onde se pode subir, etc.

Não se tratava de organizar as crianças e de lhes propor uma atividade. Elas já estavam em ação, num processo auto-organizado. Difícil perceber e entender isso, pois aprendemos equivocadamente a perceber o brincar espontâneo e não dirigido como algo desorganizado.

E então comecei a interagir. Fazíamos juntos. A minha infância veio à tona. E um monte de questionamentos. Uma nova realidade se abria e eu me perguntava o que ela significava para mim.

Os meninos e meninas ali, brincando. Aos poucos, apareciam coisas que eram minhas e coisas que eram deles, e nós já não sabíamos quem tinha puxado isso ou aquilo... Sim, havia um centro, mas um centro que estava em toda parte...

Fui desenvolvendo um caminho. Depois, essa configuração mudou. Havia uma necessidade, de minha parte, em desenvolver um projeto de Teatro-Educação e o Balão me apoiou. Foi um passo necessário: deixar o quintal, entrar num espaço fechado, mais controlado, menos dispersivo e lá desenvolver uma prática. As crianças chamavam essa prática de "aventura perigosa". Não me interessava montar espetáculos de teatro, mas em aprofundar o estudo dos jogos corporais e simbólicos. Sentávamos todos os dias numa roda.

Houve, assim, uma passagem: da atividade de recreacionista para a de professor de arte, no caso, de jogos dramáticos. Mas a primeira atitude – a de se envolver com as crianças com ênfase no processo e não

no resultado – permeava, ainda, a fase seguinte. Por isso, não fazia referência ao universo do teatro, dos papéis, etc. Porém, nos anos 80 havia mais referência ao ato cênico.

Nessa fase posterior, dos espaços fechados, eu não encontrava as crianças em atividade. Elas vinham para brincar comigo. Começávamos numa roda. Traçávamos um plano. Buscava-se uma interação com o que desenvolviam em sala de aula, etc. Noutras ocasiões, eu não proposadamente não dizia nada, não começava com a roda organizada. Deixava que as crianças se apropriassem dos espaços, que mostrassem seus interesses e dali, daquele lugar mais instável, começava a puxar algo coletivo.

Houve uma época em que eu passei a utilizar também os jogos, os chamados jogos de regra. A objetividade e a sociabilidade desses jogos me interessavam muito. Hoje, eu não os utilizo mais, a não ser em situações muito específicas. Penso no brincar como exploração sensível do mundo, como cartografias, linhas de errância, interações emergentes. O estudo sobre as regras é interessante, mas acho que ele nos conforta muito. A regra tem sua função, mas como investigação de uma poética do brincar é um pouco limitante. Portanto, busco mais os acasos, o que está emergindo das situações. O que pode produzir um encontro, um acontecimento. No entanto, há que ter estratégias, mas para capturar o instante. Acho que o recreacionista não deveria contar somente com jogos de regra. Por outro lado, os folguedos e brincadeiras tradicionais me interessam muito. Mas não se pode perder de vista o que pode surgir do inesperado.

Havia uma ponte sendo criada, a cada momento, entre o que contávamos a nós mesmos (a fabulação, digamos assim) e as interações entre corpos e espaços. Às vezes, como disse antes, começávamos dessas últimas para chegar às histórias – e vice-versa. A dimensão ritual do teatro, ou dos jogos simbólicos e corporais, era sempre muito forte e presente. Representar papéis não

era o que me interessava. Ocorria de uma história-ritual-processo durar semanas. Como um projeto do grupo, junto com a professora. Exemplo disso foi os "Uga-Uga". Os meninos e meninas criaram uma história, discutindo a cada passo, negociando momento a momento. Não havia uma plateia. Eles criaram uma fábula processual e cênica. Depois aquilo era registrado, ainda, na forma de pequenos livros por eles confeccionados. Pode-se notar que, aqui, há reverberações daquele momento mais livre e espontâneo.

Voltando no tempo, no começo, lá no quintal, estavam as potências. É para lá que eu me volto nos momentos de crise. Algo por descobrir ou inventar, ainda e sempre. E isso sobrevive no meu corpo-memória: aqueles primeiros dias em que brinquei com as crianças no Balão Vermelho. Um momento em que se misturava medo, insegurança, maravilhamento e a necessidade da entrega.

É isso o que busco hoje: cultivar uma técnica e ao mesmo tempo me permitir ao que pode emergir, sem um controle... Fazer da técnica um meio de busca, de um encontro, de um acontecimento.

JB: A proposta de recreação na Escola Balão Vermelho era a de mudar o conceito de recreio, acompanhar as crianças que brincavam livremente, de modo não dirigido. Quais e como eram essas brincadeiras? Conte-nos mais sobre isso.

LCG: Era isso, sim. Acho que reside aí, digamos assim, o segredo do recreacionista: entrar num mundo onde se brinca livremente e, ao mesmo tempo, extrair daí um fluxo, concatenando as singularidades e os coletivos. Permitindo-se que os acasos possam ser incluídos. Ficando atento ao que deve ser seguido e, também, ao que deve ser redirecionado. O que devemos propor. Posso dizer: um lugar de escuta e de pesquisa. Nisso o Balão Vermelho foi verdadeiramente revolucionário: a atividade livre não significava espontaneísmo, "laissez-faire". Pelo contrário: era o trabalho na sua excelência.

Sobre as brincadeiras... Ah... eram tantas coisas nessa fase! Subíamos no pé de goiaba. E lá, já estávamos em alguma viagem... Vozes múltiplas. Desejos de todos e de cada um. Era preciso, às vezes, colocar um menino tímido, recluso, para dentro do jogo. Sem exposição. Mas esse menino estava fazendo alguma coisa... às vezes cutucando um cantinho da parede com um graveto. Então, eu fazia com que nosso percurso, nosso fluxo, conectasse com aquele menino... Que a periferia estivesse no centro e vice-versa. Ele integrava-se ao movimento coletivo... Não havia teorias, eu intuía, a partir de minhas questões, dos medos da minha infância, das minhas experiências de vida, que ninguém poderia estar excluído... e naturalmente, eu errava.

Como não? E tentava de novo. Leninha, Bete e Lêda sempre pontuavam minhas experiências, acertos e desacertos. E eu ia refazendo minha infância e aprendendo ao mesmo tempo em que ensinava, naquele quintal-escola que era o Balão Vermelho. Não posso deixar de dizer que nós estudávamos muito. O Balão promovia encontros de estudos, cursos e sugeria inúmeras leituras. Aos poucos, esse universo teórico foi tornando-se mais presente.

Ainda sobre a recreação, o que percebemos nisso tudo é a total redefinição da relação entre espaços e aprendizagem. Espaços fechados e espaços abertos alternavam-se, ora em continuidade ora em descontinuidade. Mas nunca em oposição. O recreio não era apenas "recreio". Era outro espaço de conhecimento e de leitura do mundo. Nele os acasos, a errância, tudo isso era para ser incluído, investigado.

Infelizmente, vejo que a maior parte das escolas ainda não consegue nem imaginar o que seja passar por essa revolução. Muitos dos espaços externos já são desenhados previamente para os corpos (o tamanho da amarelinha etc.), há uma tendência de se limitar ao que a indústria oferece.

No recreio acontece tudo. Ele é também uma fonte de estudos para o educador. Aliás, voltei numa época, acho que no início dos anos 90, somente para observar as crianças brincando no Balão, nos momentos não dirigidos e nos momentos mais ou menos dirigidos. Fiz leituras incríveis sobre os jogos simbólicos e corporais.

JB: Em seu texto, Lembranças de um Recreacionista, você cita um diário de campo, o qual Leninha te presenteou, e que acabou te acompanhando por toda a vida, e até em outros trabalhos, onde registrou as atividades, as perguntas, as questões. De que maneira esses cadernos se tornaram seus aliados e demonstram os processos do brincar com as crianças? É possível contar algumas das falas e observações das crianças?

LCG: Leninha sugeriu que eu tivesse um "caderno de campo". Sim, o que fazíamos era como uma espécie de antropologia viva e dinâmica da infância. Anotava, fazia minhas perguntas, tinha um fio a ser percorrido em meio à dispersão natural daquela proliferação de ações que são próprias do brincar não dirigido, que é o campo do empírico. Até hoje procuro trabalhar assim nas minhas oficinas de teatro físico e de formação teatral: fazendo anotações. Aquilo me permitiu um grande salto. Parece uma bobagem, mas não é. Se os professores e recreacionistas tivessem uma "caderneta de campo" eles perceberiam que as ocorrências não ficariam fadadas ao esquecimento. Trata-se de um salto epistemológico, mesmo. Você se compromete com uma busca de conhecimento. O que eu fiz ontem? Por que

naquele momento eu me perdi? O que estou querendo com essa atividade? O que eu preciso e quero saber?



Carlos Gabriel
12 anos

HISTÓRIAS DO BRASIL

A professora Cíntia de Paula, do quinto ano da tarde, contou que os alunos estudam sobre saúde, doenças, modo de prevenção e como tratar delas. Esses temas surgiram através da leitura de alguns textos da *Revista Ciência Hoje Saúde* e da *Revista Ciência Hoje das Crianças*. Eles também leem e assistem diversos vídeos para conversarem sobre o assunto.

Ela pretende organizar os dados obtidos e fazer um boletim informativo para compartilhar esse conhecimento com os alunos das outras turmas e o pessoal de casa.

Além deste projeto, a turma também estuda as HISTÓRIAS VERDADEIRAS DO BRASIL. De acordo com a professora, os alunos conhecem como foi a



Guilherme de Sá
10 anos

formação do povo brasileiro e a influência indígena, portuguesa e africana que sofreram. "Vamos pesquisar todas essas informações e produzir um folhetim histórico como se estivéssemos no ano de 1500 e contar para os leitores como foi o descobrimento e a formação do Brasil!", acrescenta Cíntia.

Matheus Jayme, Pedro Antonio
e Thiago Nunes.
5º ano

JORNAL SOBRE A DITADURA

O quinto ano do turno da manhã estuda sobre ditaduras, regimes autoritários e o golpe de 1964, o chamado "anos de chumbo" no Brasil. Os alunos apreciam tanto o estudo que até se propuseram a montar um jornal temático com o tema da Ditadura. É o que conta Lucas Santiago, 10 anos, "Estou gostando do projeto, a professora Fernanda já passou um vídeo do Chico Buarque em que ele conta sobre o exílio e agora ela termina de ler o livro *Quando voltei tive uma surpresa*, de Joel Rufino dos Santos. O autor escreve cartas para o seu filho Nelson enquanto esteve preso por causa da ditadura", fala o aluno.

No projeto as crianças fazem muitas descobertas. É o que afirma a aluna Laura Latalisa, 10. "Estou aprendendo muitas coisas, principalmente sobre o Brasil de cinquenta anos atrás. Ninguém podia falar mal das autoridades e principalmente da ditadura. O presidente até usou a Copa do Mundo para aumentar a sua popularidade com os brasileiros. Também entrevistamos os nossos avós que viveram na época da ditadura para nos dar mais informações", relata.

David, Enrico, Lucca, Hugo.
6º ano.



Hugo de Araújo - 11 anos

ESTUDO SOBRE O LIXO



Ana Paula de Souza - 10 anos

Kátia Mendonça, professora do quarto ano, conta que inicia um projeto com a turma em que os alunos vão discutir sobre os cuidados com a natureza e verificar a quantidade de lixo que cada criança produz. Ela explica que este é principalmente um trabalho de conscientização da quantidade de lixo que uma criança pode produzir e também conhecer as possíveis alternativas para não gerar tanto lixo.

Kátia explicou que para desenvolver o projeto a sua turma vai começar fazendo coisas pequenas que podem contribuir de forma grandiosa. "As crianças podem, por exemplo, trazer uma garrafinha com suco de casa, ao invés do suco de caixinha, ou fazer um bolo caseiro e trazer para o lanche substituindo aquele industrial, que vem embalado", exemplifica a professora.

Para complementar a turma pretende visitar a Asmare (Associação dos Catadores de papel e papelão) para ver como é o trabalho dos catadores de papel e assistir ao filme "Lixo Extraordinário", de Lucy Walker, Karen Harley, e João Jardim.

André Victor, Bruno Dorfman e Eric Fenzi.
5º ano.

PRIMEIRO DE ABRIL AJUDA A APRENDER

O professor de inglês Gustavo Valle propôs um projeto chamado "Good lies for April fool's day" (mentiras boas para o primeiro de Abril).

O projeto foi desenvolvido pelas turmas do 4º ao 7º ano. O professor diz que durante a atividade os alunos escreveram e fizeram desenhos contando uma mentira que gostariam que fosse verdade.

O objetivo foi o de incentivar os alunos a escreverem em inglês de uma maneira divertida, e ao mesmo tempo mostrar que esta data, primeiro de Abril, tem significado semelhante tanto no Brasil como em países de língua inglesa.

Eric Fenzi e Francisco Ameno
5º ano.



JOGOS INTERNOS CONTAM COM MAIS DIVERSÃO!



Em abril, aconteceram os Jogos Internos 2011. Entre as equipes estavam as cores; laranja, azul marinho, branco, verde claro, amarelo e vermelho.

As equipes disputaram as seguintes modalidades; dono da lata, futsal, queimada, jogo da velha e o novo jogo "jóquei pô".

O Jóquei pô é um jogo disputado por duas equipes e cada equipe é formada por todos os membros do grupo.

O objetivo do jogo é completar todo o percurso proposto em menor tempo e ao encontrar com um jogador da equipe adversária fazer uma disputa de Jóquei pô (pedra, papel ou tesoura), onde o vencedor continua a jogar e o perdedor volta para o final da fila. O jogador vence quando completa todo o percurso.

Outra novidade é que houve uma gincana na abertura com a participação de todos os membros da equipe, inclusive

com a dos professores. Na primeira tarefa todos tiravam seus sapatos e colocavam no meio da quadra e os recreacionistas misturavam tudo. Assim que escutavam o som do apito, tinham que achar seu par de sapatos e calçá-lo.

A equipe que calçasse todos os seus sapatos no menor tempo... vencia a tarefa!

Nos outros 3 dias de Jogos Internos, a gincana continuou e a cada dia as equipes tinham que cumprir uma tarefa estipulada pelos recreacionistas.

Os recreacionistas Nilva Sales e Rafael Albanez contaram que objetivo dos Jogos Internos é o de promover a união, cooperação, alegria, encontro, amizades, espírito de equipe, uma maior integração entre alunos e professores da escola e... se divertir!

Marina Trajano e Theresa Queiroz
5º ano.

MAPAS E REGIÕES DO BRASIL



A professora Juliana Franca, do quarto ano da tarde, conta que é o primeiro ano que as crianças estão usando o Atlas.

Ela explica que eles exploram bastante o livro. "Eles percebem as diferenças das imagens de satélite, dos mapas políticos, os nomes dos mares e oceanos, fazem leitura de legenda, entre outras coisas", conta a professora.

Ju conta ainda que os alunos estudam as regiões do Brasil através de um roteiro feito pelas crianças. "Mas o foco principal é a pesquisa sobre as tradições e culturas de cada lugar", ressalta Franca.

Davi Nilo, Gabriel Lemos e Marum Patrus.
5º ano.

CRIANÇAS APRENDEM COMENDO (HUMM!)

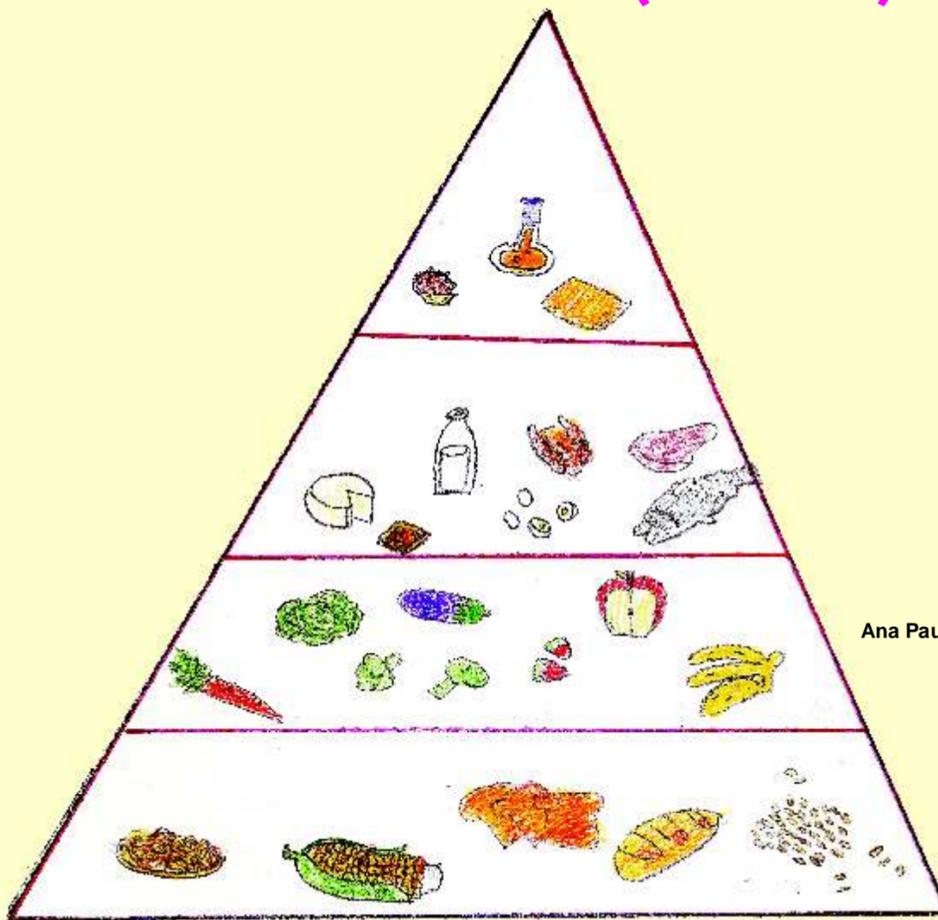
A turma do 2º ano da professora Ana Amélia Turra conhece os benefícios de se ter uma alimentação saudável. Ana conta que a ideia surgiu porque este é o primeiro ano que as crianças trazem o lanche de casa. "Vimos que é possível as crianças trazerem lanches saudáveis, que sejam ao mesmo tempo bem saborosos e que agradem o paladar", explica a professora.

Pensando nisso, a professora convidou três nutricionistas, Jussara (mãe da aluna Carolina Rolim), Simone e Juliana para darem conselhos sobre a alimentação. A visita começou com uma importante brincadeira. Elas falavam uma comida e as crianças tinham que demonstrar se gostavam, se gostavam mais ou menos ou se não gostavam. Depois elas entregaram um papel com dois quadrinhos onde os alunos deveriam escrever de um lado as comidas que mais gostavam e no outro suas atividades favoritas.

A visita ficou mais empolgante depois que elas mostraram a pirâmide alimentar, e perguntaram se eles sabiam o porquê da parte de baixo ser maior e ir subindo e ficando menor. As crianças deram respostas variadas, e as nutricionistas explicaram que a parte de baixo era maior porque mostra os alimentos que devem ser consumidos em maior quantidade como frutas, verduras e legumes, e a última parte é menor, pois mostra o que se deve comer moderadamente.

Para complementar a visita, elas mostraram quais grupos de comidas ficavam em cada parte da pirâmide alimentar.

No final, as nutricionistas prepararam um Para Casa com uma pirâmide alimentar para as crianças montarem junto



Ana Paula Moita- 10 anos

com os pais para depois relatarem como foi a experiência.

Ana Amélia conta que sempre que possível, quando os alunos lancham, ela dá uma olhada no que trouxeram e conversam sobre o assunto. "Às vezes eu pergunto quem trouxe fruta, e chamo atenção para a importância de trazê-las e também para aquelas crianças que devem trazer o lanche mais saudável. Dessa forma, elas podem ser influenciadas pelos colegas", explica a professora. Mesmo assim, ela relata que os alunos não têm obrigação de trazer fruta, e que também trazem pão integral e outros alimentos nutritivos.

A professora acrescenta ainda que sugere, à turma,

comer as coisas não tão saudáveis, na hora do lanche, apenas na sexta-feira, pois é o dia em que os alunos do primeiro ano podem comprar o lanche na cantina da escola, com a companhia dela.

E como um assunto puxa o outro, Ana Amélia conta que ao falar de alimentação, o tema corpo humano surgiu também.

Carolina Espí, Dulce Aguiar, Luísa Amaral, Luísa Toledo e Salim Bou-Issa.
5º e 6º anos.

ALUNO GANHA DESTAQUE

Em 2010, o aluno Daniel Moreira de 8 anos foi destaque no concurso de selos promovido pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). A professora Patrícia Bagno sugeriu que as crianças de sua turma participassem do evento Desenho de Selo - Arte Infantil.

O concurso teve o objetivo de promover uma reflexão sobre ecologia que está ligado ao Projeto Institucional Eco-Balão. A seleção foi baseada na imagem do selo que melhor representasse a visão infantil sobre a importância da reciclagem para o meio ambiente.

E Daniel conseguiu através de um super-herói transmitir o seu recado!

Selo criado por Daniel Bastos



O JB parabeniza a todos os alunos que participaram do concurso!

FERNANDA PIMENTA
Editora chefe

REDSOLARE BRASIL

Seminário Internacional
A Documentação na Educação Infantil
Estratégia que revela e comunica os processos, as relações, a ação educativa e as aprendizagens

Participação
Deanna Margini e Lanfranco Bassi
Pedagoga e Atellerista das Escolas Municipais de Reggio Emilia, Itália

Salvador-Bahia
05/06 agosto 2011
Local: Hotel Sol Bahia Atlântico

Belo Horizonte
12/13 agosto 2011
Local: Universidade FUMEC

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
www.balaovermelho.com.br
(31) 3194.2400